

Iconomist Manifesto (for a philological critique of political economy)

The resumption of the logical-historical-ethical core of Marx's greatest work today represents an opportunity for rethinking without falling into commiseration for the end (self-inflicted?) of the "pink tide" but rescuing and valuing the plasticity of the new online forms of value creation, production and distribution with a new worldview and, therefore, a renewed perspective on the digital relationships between Merchandise, Money and Capital. The "iconomic" dimension (halfway between material and immaterial) transforms class struggle into an ethno-grammatical dispute between "categories", the proposal is to pervert/convert/reverse capitalist mechanisms decoded in collective digital intervention programs so as to question the traditional logic of "elementary forms" of value. This derivation from the reading of Marx will allow, in an era of digitalization of the means of production and social relations, to tropicalize the world through a vision envisaged by the ethics of diversity, post-humanity and sustainability. Towards a new stage of digital emancipation.

Keywords

Iconomics, Digital Political Economy, Philology

Manifesto Iconomista (para a crítica filológica da economia política)

A retomada do núcleo lógico-histórico-ético da obra maior de Marx representa hoje uma oportunidade de repensamento sem cair na comiseração pelo fim (auto-infligido?) da "pink tide" mas resgatando e valorizando a plasticidade das novas formas de criação de valor, produção e distribuição alinhando-se a uma nova visão de mundo e, portanto, de relação digital entre Mercadoria, Dinheiro e Capital. A dimensão "iconômica" (a meio caminho entre material e imaterial) transforma a luta de classes numa disputa etno-gramatical entre "categorias", a proposta é perverter/converter/reverter os mecanismos capitalistas decodificados em programas de intervenção digital coletiva na lógica das "formas elementares" do valor. Essa derivação a partir da leitura de Marx permitirá, numa época de digitalização dos meios de produção e das relações sociais, tropicalizar o mundo através de uma visão perspectivada pela ética da diversidade, da pós-humanidade e da sustentabilidade. Por uma nova etapa de emancipação digital.

Keywords

Iconomia, Economia Política Digital, Filologia

Der Reichtum der Gesellschaften, in welchen kapitalistische Produktionsweise herrscht, erscheint als eine »ungeheure Warensammlung«, die einzelne Ware als seine Elementarform. Unsere Untersuchung beginnt daher mit der Analyse der Ware.

Karl Marx, Das Kapital, Erster Abschnitt, Ware und Geld, Erstes Kapitel, Die Ware, 1. Die zwei Faktoren der Ware: Gebrauchswert und Wert (Werts substanz Wertgröße)

Die Ware

A Mercadoria. Objeto, sujeito ou predicado? Nessa primeira frase do clássico “O Capital”, Marx anuncia um revolucionário programa de pesquisa-programa-ção, ao estabelecer nessa “ware” o ponto de partida do sistema capitalista cuja decodificação dialética sua obra está, justamente, trazendo à luz, fazendo aparecer, a rigor abrindo-se para se mostrar por si mesma como ícone em torno do qual a transformação da produção, das relações sociais e da própria consciência ocorrem - na medida em que toda a rede que se forma em torno da “ware” toma consciência de si e das contradições inerentes à muito peculiar sistemática de “mostração” (*erscheinung*) da “ware”, um percurso renovado imediata e instantaneamente a cada troca em que o Capital se apresenta como a própria Mercadoria. A Mercadoria é o Ícone do Capital.

Em pleno século 21, cidadãos da América Latina (mas também de praticamente todos os cantos do planeta) estão como nunca diante dessa esfinge que se desmancha sob a tempestade num deserto de emprego, democracia e confiança: o Capital, novamente em momento de crise da forma mercadoria (a rigor, Mercadoria-Dinheiro), revela-se como Ícone sem mediação, cujo nome impronunciável é Violência. A releitura de Marx, desse primeiro e singelo parágrafo, à luz da crise brasileira, mas também latino-americana (especialmente na Venezuela) e europeia, norte-americana mas também africana, chinesa e árabe, essa crise multilinguística, multinacional e multilateral obriga-nos, latino-americanos e cidadãos do mundo, a evitar a síndrome da “*Weltschmerzen*” (miséria da auto-comiseração) em nome de uma renovação da “*Weltanschauung*” (literalmente, visão de mundo).

É justamente nessa dimensão do ver, da visão não apenas material mas nas relações entre consciência, representação e imaginação que a cena de abertura d’O Capital revela pistas para uma renovação, ainda neste século 21, da nossa capacidade de criar e vislumbrar no tempo uma “visão do mundo”, ou seja, uma organização dos modos de ser, produzir, consumir e acumular que na América Latina, mas em tantos outros lugares com violência incomensurável, sejam exercitadas com liberdade, criatividade e sustentabilidade. Ou seja, é urgente resgatar em Marx a relação entre “valor” (material) e “valores” (imaterial) na própria definição estrutural da relação entre economia e vida.

A dimensão “ícone” (a meio caminho entre material e imaterial) é possivelmente uma característica do tropicalismo, cavocado em suas raízes modernistas que remontam à própria “antropofagia” tropical mais que a uma antropologia filosófica essencialista.

A progressão marxista tropical das categorias não ignora os princípios pós-kantianos de sistematização aristotélica da produção em “modos”, transformando a luta de classes numa disputa etno-gramatical entre “categorias”, mas sua

proposta é perverter/converter/reverter os mecanismos capitalistas decodificados em programas de intervenção coletiva na lógica aparente dos fatos, das “formas elementares” (*Elementarform*). Essa derivação a partir da leitura de Marx permitirá, numa época de digitalização dos meios de produção e das relações sociais, tropicalizar o mundo numa visão cujo design é inspirado na ética da diversidade, da humanidade e da sustentabilidade. Assim sobrevivem as florestas tropicais. Assim poderá surgir a partir dessa hermenêutica dialética tropicalista uma nova etapa de emancipação digital.

O Centro está em toda parte. Em que medida a retomada do núcleo lógico-histórico-ético da obra maior de Marx na América do Sul representa hoje uma oportunidade para o pensamento latino-americano celebrar a sua memória teórica, política e filosófica sem cair na comiseração pelo fim (auto-infligido?) da “pink tide” (a onda dita cor-de-rosa que teria quase-unificado uma América Latina bolivariana) mas resgatando e valorizando a plasticidade das novas formas de criação de valor, produção e distribuição alinhando-se a uma nova visão de mundo e, portanto, de relação com a Mercadoria, o Dinheiro e o Capital.

A leitura do Capítulo d’O Capital celebra essa possível demonstração de que é necessária uma aproximação ao tema infinitamente mais amplo das relações entre os Trópicos, a Periferia, a Marginalidade e o próprio discurso etnocêntrico, Ocidental, machista e no limite genocida que, infelizmente, parece voltar a dominar mentes e corações (e votos) após várias décadas de dormência ou anestesia que, diante do horror da crise e do ódio em curso, recorre à violência como uma das mais rudimentares formas de simular uma “solução final” e definitiva para problemas sociais, urbanos, culturais e ambientais contemporâneos.

A atualidade de Marx é portanto duplamente mediada: de um lado, pelo fracasso maior da experiência civilizatória Iluminista, de outro, pela realidade imediata, cotidiana e existencial com a dialética do subdesenvolvimento, da dependência e da financeirização, em que a crise da Mercadoria como Ícone do Capital mostrou-se ainda mais violenta e instável após a crise global de 2008.

É a partir de uma frustração dupla, como brasileiro e como cidadão global, que volto a me debruçar sobre essa primeira frase da obra maior de Marx: a “Mercadoria” - mas aqui se trata justamente de recusar essa tradução!

Em alemão, Marx refere-se a “Die Ware”. Até mesmo etimologicamente, o que se está nomeando ou pressupondo ao indicar essa “*forma elementar*”? É algo mais que um exemplo, uma metáfora ou mesmo uma descrição empírica ou estatística. Não se trata de um objeto, de uma coisa, algo natural.

É preciso prestar atenção ao mesmo tempo ao caráter de algo que é designado como “forma elementar” e ao significado do termo “ware”, ou seja, o seu efetivo conteúdo, concreto, real que manifesta a dialética de todo o sistema ainda que nada mais seja que seu espelhamento idílico, narcisístico e carnavalesco.

O que o primeiro parágrafo d’O Capital apresenta é a própria *forma de apresentação* do capitalismo enquanto sistema do Capital: como “ware” - mas será que “mercadoria” é mesmo a melhor tradução?

O termo “mercadoria” já traz a marca do “mercado” no nome, ou seja, exclui outras formas de criação do que seja “ware” produzidas por outros homens e mulheres, em ou-

tros tempos e sob condições tecnológicas diversas. Exclusão que se torna suspeita quando as redes digitais prometem novas formas de organização dessas “wares”.

Vejamos mais detalhadamente o que está em jogo no significado de “ware” em alemão (e inglês, pelo menos), antes de retomar o tema da atualidade de Marx na América Latina do Século 21. Esse tema voltará apenas depois de uma mediação necessária, sobre o efeito da revolução digital sobre a função de Elementarform nos “modos de produção” (“Produktionsweise”) de tudo o que é “ware” – mas é evidente que o horizonte do sentido é outro quando se reconhece a capacidade e as habilidades midiáticas proporcionadas pela plasticidade da reconfiguração das possibilidades de gestão do tempo, do espaço e das intenções/propósitos/interesses associados a *hardwares*, *softwares* e cada vez “*knowwares*”, plataformas de conhecimento e reconhecimento.

Finalmente, é importante nessa perspectiva do Capital como Ícone sublinhar a familiaridade entre “ware” e “weise”. Apesar das leituras materialistas mais convencionais, a dialética do aparecimento (já implicitamente portanto do esclarecimento como parte da crítica à “*erscheinung*” do Capital), a construção pela imaginação é a característica a ser ressaltada em “weise” nessa “Produktionsweise” ou sabedoria da produção (não simplesmente “modo” de produção, uma tradução para “wise” que sublinha o formal, mecânico e naturalizante).

Marx disse-o claramente, mas a leitura materialista histórica e mesmo o “*díamat*” soviético teriam de esperar pela revolução digital para entender e voltar ao termo que designa a forma elementar da criação de riqueza e distribuição de valor, essa “ware”.

A consulta à própria rede ajuda a resgatar muitas camadas de sentido para o termo. As referências do Wikxtionary são instigantes!

Inglês Antigo - *wær*, Alemão **waraz*. Sentido poético, forma intensificada: *aware*. Termos derivados: *beware*, substantivo (incontável), o estado de estar alerta (*aware*).

Ou ainda do Inglês Antigo *waru*, Alemão **warō* (“atenção”), como em *beware*, non sentido de “objeto de cuidado, algo de valor, *valuable*, do Proto-Indo-Europeu **wer-*, de onde também *ward*, cognato do holandês *waar* (“bens oferecidos para venda ou uso”), um estilo ou gênero de artefato.

Do Médio Inglês *waren* (“estar alerta, em guarda, perceptivo ou concentrado, “*mindful*”, proteger, guardar), do Inglês Antigo *warian*, Proto-Alemão **waronō*. “*Wary*”, cauteloso. As referências do Online Etymology Dictionary, 2001–2018 indicam ainda “aquilo que se mantém em custódia” e indica a raiz proto-indo-européia: **wer*, perceber, estar alerta (“*watch out for*”). O inglês medieval já registrava como “*apeware*” os truques ou falsificações (“*deceptive or false ware*”). Não faltam referências eróticas como em “*Lady ware*” e também eufemismo para as partes masculinas (“*ware*” in Douglas Harper, Online Etymology Dictionary, 2001–2018). No sentido verbal, “*to take heed of, beware*”, no Inglês Antigo *warian* “*to guard against, beware; protect, defend*”, do proto-indo-europeu chegou ao proto-alemão como **waraz* (mas também **war-o-* “*to guard, watch*”).

Há várias nuances semânticas que afloram nessas referências para “ware”, nuances que ressaltadas trazem a primeiro plano a dimensão icônica do valor e sua dialética transformacional “*iconômica*”, de produção pela percepção de uma mediação entre o material e o imaterial, entre o Capital e a função Ícone.

Marx afirmou assim o caráter contraditório, imanente e transcendental, da função do ícone e da “ware” como forma elementar da própria lógica de produção, reprodução e crise do sistema capitalista.

E nessa “Forma Elementar” vale ressaltar a dimensão fática, instrumental e material, útil, belicosa, proprietária e espacial de “ware” - seu caráter essencialmente intercambiável pois é algo sempre útil “para alguém” se pode ser útil “em si” (na Natureza) e “para mim” (protegendo meu corpo e minha capacidade de estar “*aware*”).

Mas é também importante o sentido bem captado pelos dicionários que indicam a associação de “ware” a percepção, alerta, consciência de uma necessária proteção, cuidado, atenção e auto-observação, em suma, habilidades midiáticas ou poderíamos dizer “*mediabilidades*” (o “ware” ocupando não o lugar de um objeto, mas funcionando como mediação, ferramenta ou habilidade de mediação para solução de problemas, enfrentamento da incerteza ou investimento de risco na imaginação de uma nova ordem, de um novo sentido para a utilidade, a necessidade e a diversidade).

O estabelecimento de uma relação entre valor de uso e valor depende dessa habilidade para jogar com os ícones da mediação tanto instrumental-materialista quanto comunicativa-afetiva. Mas ela nunca é dada, ao contrário, até mesmo como ponto de abertura e acesso a O Capital é uma instantaneidade ou irrupção sincrônica, intuitiva e pré-teórica (da ordem da “*Umvordenklichkeit*” de Schelling, o que não é pré-pensado).

Essa emergência do olhar sobre o que pode ter valor já é o resultado de uma energia que se gasta mobilizando e ao mesmo tempo re-inicializando a cada instante, de modo súbito, não raro surpreendente (inovador, “*plötzlich*”), essa matriz de subjetividades e competências para apreensão de objetos (internos e externos à percepção).

A acumulação de capital é apenas uma das modalidades de transformação desse potencial, dessa energia (mais positiva ou negativa, acumulada ou reprimida a cada instante) em um feixe de atividades imersas numa individuação em rede. Ocorre que a máquina desejante e produtivista do Capital produz a crise do próprio Ícone (a Mercadoria-Dinheiro) que permanentemente se re-apresenta (eterno retorno e mau infinito) como recorrente, portanto como acumulação sem propósito nem interesse – a ponto de gerar casos de *esquizoidismo* mais agudo, patologias do individualismo e da vontade de poder, de ter e de acumular (eterno retorno do mesmo Eu), tanto para pessoas físicas quanto para pessoas jurídicas e Estados de Direito.

Esses sentidos renovados da “ware” revelam-na como instância de apresentação a si mesma de uma visão de mundo, que portanto ao mesmo tempo torna cada vez mais necessárias e imanentes as dimensões da visibilidade, “*beware*” é estar atento ao tempo na afirmação máxima da própria instantaneidade muitas vezes surpreendente em que se apresenta uma “ware”, ao que se desdobra na dialética da vida pessoal e da história coletiva, impossíveis de conter ou ser contidos por fronteiras categoriais aristotélicas.

Nessa dimensão do “ware” que “*ascende*” (em termos de consciência de si e para si) e “*acende*” (no sentido de colocar o foco, dar luz e visibilidade à ação de valoração intersubjetiva da “ware”), ocorre a individuação que passa pelo controle técnico do hardware (termo que curiosamente aparece pela primeira vez em 1789) até chegar ao software, malware, “*ape-ware*”, esse circuito da inteligibilidade do

que é não apenas útil na imediatez do espaço, eterno presente e *subitaneidade*.

Ganha portanto destaque a *projeção criativa* de esferas de valor que são ilimitadas (embora muitas vezes representem uma nova e reiterada queda no abismo (“Abgrund”) de uma incerteza radical e absoluta, como na instância do que não é pre-concebível (“Umvordenklichkeit”).

Afinal, são dois os fatores (*Faktoren*) que movimentam a tensão interna a cada “ware”: há uma recíproca subitaneidade espacial quando se percebe a pulsação do *Gebrauchswert*, o valor de uso que é como um pedaço de carne ou um remo de barco, mais indispensável a depender do contexto imediato, disponível e visível.

A outra dimensão é a do Valor (*Werts substanz* e *Wertgröße*), *tensão dentro da tensão com a esfera da utilidade, pois a relação entre substância e medida não é trivial*.

Essa dimensão é intrinsecamente mais temporal, há mesmo o sentido de uma “custódia”, ou seja, uma garantia contra o futuro incerto: a “ware” também contém o germe dialético da moeda, do crédito e da dívida pública, objetos abstratos cuja existência é sempre temporal, social e histórica, compondo relações assimétricas de poder e sobrevivência entre credores e devedores que no século 21 já não são mais confundidos com a guerra natural entre “capitalistas” e “trabalhadores”. Mas, 200 anos depois, é ainda a guerra pelo tempo, o conflito em torno da distribuição no tempo dos resultados da poupança, da acumulação e da própria ampliação de oportunidades criada pela fase expansiva do ciclo capitalista.

Qual a “ware” da reforma da Previdência Social no Brasil? Qual a taxa de juros adequada nas operações do BNDES frente ao custo de captação do Tesouro nos mercados em tempo real ininterruptos cujo valor é alimentado por um sistema próprio e defendido de hardware, software e knowware?

Embora etimologicamente independentes até onde a vista alcança, estar bem ou mal provido de “wares” pode ser um bom motivo para ir à “war”. A condição para obter a “ware” é estar “aware”. Por isso é importante a dimensão de “*erscheinung*” da forma elementar como mercadoria nesse sentido bem ampliado de algo que pulsa entre sujeitos, objetos e mediações, não simplesmente algo que é oferecido no mercado (embora a humanidade evidentemente ao longo da história desenvolveu mercados como uma das formas elementares de fazer o “ware” circular, valorizar-se e garantir o futuro).

O Século 21 representa e o Brasil é possivelmente o primeiro país do Terceiro Mundo a confirmar localmente essa tendência: é o “software”, o código, a gestão da inteligência informacional e da ampliação de um estado já descrito como “estado da transparência” (https://en.wikipedia.org/wiki/Byung-Chul_Han) que desempenham essa performatividade iconômica que Marx identificava, há 200 anos, no Capital.

De uma Aufklärung Instrumental para uma Erscheinung Criativa

Um espectro ronda a Europa: o suicídio coletivo da elite que forjou ao longo de mil anos um caminho de esclarecimento, tolerância, igualdade, liberdade e fraternidade. 200 anos de Marx, 170 anos de Manifesto Comunista (es-

critado com Friedrich Engels, um aplicado jovem hegeliano atento às palestras de seu “xará” Friedrich Schelling sobre a filosofia da mitologia, a superação dos limites da identidade do sujeito e o reconhecimento de que o iluminismo inevitável era também dialético e cultural-criativo.

A aceleração da digitalização responde a efeitos multiplicadores exponenciais e acelerados de inovação em hardware, software e knoware sem precedentes, o que no entanto obviamente não garante que as contradições entre o valor de uso ou que corresponde à dimensão do *Gebrauchswert* (aquilo que é necessário ou seja é impossível passar sem, como a renda mínima ou de subsistência) e as dimensões de apropriada mensuração e participação coletiva na “substância” do valor, que no final é sempre o próprio trabalho coletivo, em todas as suas infinitas e criativas formas de relacionamento, publicidade, troca, afetividade, solidariedade, empreendedorismo social, ativismos e militanismos que redefinem a cada geração a quantidade, a qualidade e a sustentabilidade das esferas individuais, coletivas e públicas.

Ainda que cindido internamente entre substância e medida, contradição que em si mesma pode ser interpretada como motor da história (em linguagem popular, luta de classes, quem está com o Senhor, quem não passa de Escravo), essa dimensão temporal, subjetiva e individuante, concreta e ao mesmo tempo movida por pulsão de sobrevivência, memória e cuidado, a essa dimensão da “ware” Marx designa simplesmente: Wert, Valor.

Mas já é tempo de retomar aquela outra nomeação que é essencial à própria arte da apresentação: *Erscheinung*. Não há dimensão alguma de “ware” se a própria coisa em si não se manifestar como razão de ser do espaço em que se mostra, que assim recebe o nome de mercado, batizado pela mercadoria (e não o contrário, como pensam habitualmente os economistas de inspiração neoliberal e até keynesianos). Essa aparição é a condição do tornar-se presente, visível com os olhos no espaço mas também associada a um Valor que representa uma troca no tempo, a começar da decisão (*Entscheidung*) entre consumir e poupar (notemos ainda que é da mesma família a “*anchauung*” que se mostra em nossa “*Weltanschauung*”).

Note-se que na raiz o “*Erscheinung*” vem de “*scheinen*”, brilhar, parecer e aparece, um „*look*” (um visual, como na moda), enquanto “*Entscheidung*” tem sua raiz em “*scheiden*” (separar, dissolver, como num divórcio). Para chegar a “*Entscheidung*”, ou seja, para que a separação (entre o que é útil e o que tem valor(es) aparentes ou imaginários na compra de uma mercadoria, por exemplo, ou no comprometimento da renda com dívidas no cartão de crédito) é necessário acrescentar o prefixo “*ent*”, ou seja, é preciso recusar a separação, abrir mão da percepção de um divórcio entre o que é útil e o que tem valor, é preciso aderir instantaneamente à crença na realização do desejo, na superação da incerteza, no fim eterno e súbito de todas as dúvidas.

Note-se ainda que o leque etimológico em torno desse processo de remoção, suspensão, distanciamento (*Entfremdung* X *Verfremdung* em Brecht), dialética de conversão de algo em seu oposto, que passa por crise de identidade e violência eventual, é esclarecedor da importância da atitude que está significativamente implicada na aparição da mercadoria como marco no tempo que instaura uma decisão em que é preciso filtrar, depurar, aplicar imediata e inesperadamente, no âmago da subitaneidade, a utilidade

no espaço e o valor no tempo, sem qualquer garantia de que haverá no tempo histórico, social, trabalhista e político que se segue alguma esperança sequer de convergência entre valor, salário e preços.

Esse mergulho na incerteza da troca está presente em Marx pela primeira vez na história do pensamento econômico, ainda que habitualmente essa “descoberta” do tempo e das expectativas como chave das contradições do capitalismo tenha sido atribuída habitualmente a Keynes. O mínimo que se pode dizer aqui é que a familiaridade entre Marx e Keynes fica evidente de um modo inovador, lembrando que o próprio Keynes usou a linguagem de Marx para tornar mais visível o processo de mudança de algo em seu oposto, da riqueza em fantasia e expectativa, por meio do esquema M-D-M/D-M-D (mercadorias trocadas com a mediação do dinheiro por dinheiro trocado por si mesmo tendo como lógica total a valorização de si indefinidamente ou segundo uma organização da consciência que Hegel associou ao “mau infinito”, aquele que não produz novas formas de consciência mas apenas o eterno retorno do Mesmo, no caso, o Capital quando sua forma elementar projeta todas as contradições sobre o ícone do valor, o Dinheiro.

A existência de “wares” nas dimensões da utilidade no espaço e no corpo e da projeção de valor no tempo e na história, é indissociável de uma decisão que se faz como separação da coisa em si frente à sua representação para nós, a lógica do aparecimento antecede o momento de decisão que é o da representação.

Entre aparecimento e representação, a “ware” em processo já tensiona e vibra de acordo com o jogo de mostrações/demonstrações que são inevitáveis em qualquer negociação, aspectos quantitativos e qualitativos estão em jogo, prazer aqui e agora ou acumulação de créditos, estoques ou participações em outros tantos fluxos de projetos no espaço, no tempo e nos propósitos cuja recíproca consistência e sustentabilidade é impossível avaliar e inútil, ainda que na prática seja inevitável, simplesmente representar. O prefixo “ent” que habita o sentido da decisão é o equivalente à raiz grega “schizo” (Ancient Greek σχίζω) (skhízō, “to split”) e nos interstícios dessa esquizofrenia que se aninham e proliferam os medos, as fobias e os pânicos.

Geld

O fato de perceber na mercadoria a estrutura lógica da decisão sob incerteza que coloca em risco a soberania do sujeito (seja consumidor, produtor, credor, devedor, etc.) coloca a teoria do valor de Marx como um terreno fértil para a única “coisa” que pode dar sentido aos interstícios entre aparecimento e representação: o ícone.

E qual o ícone dessa dialética entre local e global, concreto e universal, individual e coletivo, estático e extático senão este que até os mais idiotas reconhecem? O dinheiro (Geld) é apresentado já no Capítulo 1 como a posição apesar das aparências de algo que parece remeter a uma essência comum, que é o desejo que combina luta pela sobrevivência, cuidado com o futuro e proteção do que foi acumulado.

“Jedermann weiß, wenn er auch sonst nichts weiß”: qualquer um sabe, mesmo quem não sabe absolutamente nada mais, que as mercadorias “die Waren” estão presentes como necessidade de decisão e decisão frente ao reino da necessidade tanto pela diferenciação entre suas características úteis que assumem formas naturais (“daß die Waren eine

mit den bunten Naturalformen ihrer Gebrauchswerte höchst frappant kontrastierende” quanto pelo fato de que no processo mesmo de se apresentarem, a sua própria condição de visibilidade enquanto “die Waren” é indissociável dessa transmutação/transformação/tradução em uma “gemeinsame Wertform”, uma forma (ainda no plano Elementar) que seja comum a todas no próprio ato de percepção de sua necessidade, ou seja, a forma Dinheiro é inseparável do que se pode entender por “Ware” – não por acaso, se o primeiro capítulo fala da Mercadoria (“ware”), a Primeira Parte do Capital trata de “Mercadoria e Dinheiro” (Ware und Geld), ou seja, o estudo da forma elementar é indissociável da percepção desse vazio interno, desse afastamento no qual é possível tomar decisões, entre a aparição e a representação da necessidade.

É afinal esse truque, esse jogo entre aparição da necessidade e representação do valor que torna cada instante num momento aberto à surpresa (Wittgenstein, surpresa...e Plötzlich) e ao questionamento do valor, essa instância que até o mais ignorante reconhece como essencial conexão entre diferenciação, visibilidade, decidibilidade, subitaneidade e mediabilidade, esta é a dimensão da gênese da Forma-Dinheiro (“die Genesis dieser Geldform...” que a economia burguesa (a vulgar ou “bürgerlicher Ökonomie”) sequer se dá ao trabalho de investigar.

O processo de Erscheinung implica portanto uma dimensão de Entscheidung que exige o contínuo Entwicklung (um retorno eterno) da dialética entre “ware” e “Wertformen”, entre utilidade e possíveis temporalidades abertas ao futuro. O desenvolvimento é uma expressão “de dentro para fora”, da Forma Elementar para uma “relação de valor” (“Wertverhältnis der Waren”) que está contida (“ent-haltenen”) na própria “expressão do valor” (“Wertausdrucks”) que é posta no presente como se fosse possível a cada instante “viajar” de forma integral e instantânea desde a mais conspícua de suas formas (“unscheinbarsten”, novamente a dimensão de Erscheinung, de mostrar-se, de tornar-se imediata, direta e ingenuamente visível a um olhar ignorante) até a questão central dessa dialética entre apresentação do valor, sua representação e a separação, o necessário momento “schizo”, cuja evidência se distribui em formas “maravilhosas”, que cegam pelo seu fulgor, brilhantes, lembrando que “blende” (como no inglês “blind”) é um efeito de cegamento mas também o nome da interface que se usa para proteger a visão, o corpo ou um ambiente do sol

É a análise crítica dessa midiabilidade que condiciona as decisões inevitáveis nos instantes de dúvida entre utilidade e outros valores, é a percepção dessa “iconificação” do Valor, que permite a compreensão e superação do que Marx denomina “Geldrätsel” (entendida essa mútua implicação icônica entre “Ware” e “Geld” e o jogo de contradições espelhadas no espaço e no tempo, no material e no expectacional, que se pode afirmar que ocorre o desaparecimento (“Verschwinden”) do mistério, truque ou enigma do Dinheiro (“Geldrätsel”)¹.

O capítulo 1 d’O Capital é um alerta ainda atual para os riscos de uma redução da decisão econômica ao espelho de aparências, aparições e desaparecimentos das coisas de valor,

¹ A uma semana do Euro, o “Zeit Online” publicou alerta do premiado jornalista alemão Wolfgang Uchatius sobre “Das Große Geldrätsel” (http://www.zeit.de/2002/01/Das_grosse_Geldraetsel).

do dinheiro e das formas de midiabilidade sem as quais o jogo da acumulação seria trabado pela consciência da desigualdade entre os potenciais diferenciados de trabalhadores, capitalistas e rentistas de controlar o espaço, o tempo e o valor.

Há uma “iconomia” emergente na crítica da economia política realizada por Marx.

Rechtm X Rechnung: O Digital entre a Vida e a Morte do Ícone como Valor

Mais que icônica, iconômica e imagética, a apresentação do Capital como Mercadoria é desde esse “salto mortal” do processo de criação de valor no capitalismo entendido e apresentado como uma realidade concreta onde a imaginação e a percepção fazem com que a cada instante exista uma abertura para a história, a incerteza e a criatividade e não necessariamente para a violência, a repressão ou a destruição (não-criativa).

Entre a *Erscheinung* da “Ware” em Marx e a “*Wahrscheinlichkeitsrechnung*” presente na revisão filosófica da teoria da probabilidade realizada por John Maynard Keynes (a palavra em alemão “não precisava ter 27 letras”, teria comentado o economista inglês segundo seu biógrafo Robert Skidelski) há mais em comum do que imaginam marxistas e keynesianos.

A aparição (aparentemente súbita, aparentemente surpreendente) daquela coisa que se impõe como necessidade e ao mesmo tempo ativa todas as minhas *mediabilidades* para projetar no espaço, no tempo e no meu próprio corpo, esse momento súbito de decisão imediata, condensa na Forma elementar dessa coisa afetiva que é uma “ware” atravessada pelas duas dimensões complementares do estar “beware” (atento, de guarda, cuidando, esperando uma surpresa que pode surgir a qualquer momento) e “aware” (esclarecido, consciente, reflexivo e dotado de memória e expectativa) e tirando dessa tensão, que se revela como interstício entre o aparecer e o representar, a fonte universal do valor.

Não é surpreendente que Marx e Keynes estejam novamente de acordo, quanto à dimensão temporal, incerta e aberta à criatividade do processo elementar de produção de formas de valorização (e destruição de riqueza) associados a estar atento sem deixar de ter consciência dos próprios limites, medos e projetos.

Na América Latina do século 21, esgotado o ciclo de reflexão e práticas políticas com hegemonia de forças liberais em aliança com uma nova esquerda (a chamada “Pink Tide”), assim como na União Européia, na Ásia e no Oriente Médio, a perplexidade da direita e a raiva da esquerda parecem unidas no desamparo diante de forças da sociedade, do pensamento e do próprio Estado que violam abertamente os princípios elementares da dignidade humana, das liberdades civis, dos direitos sociais e da diversidade cultural.

O massacre da promessa Iluminista e Emancipatória surge subitamente do nada e de todos os lugares, num momento que a exemplo de 1848 e como evidenciou-se em toda a obra de Karl Marx (mas também de John Maynard Keynes e outros, como Celso Furtado e Milton Santos, Nestor Canclini no campo da comunicação digital) está também em crise a própria forma de criação (industrial e financeira) e circulação (digital e autotélica) da riqueza.

O momento contemporâneo é o da crise de uma “Rechtm” em que o sentido de cada “ware” está sendo repensado, repositado e evidentemente ainda mais concentrados os poderes de decisão, processamento e inclusão.

Esse tipo de impasse na raiz (por isso, radical) da prática e da teoria do Valor no capitalismo está associado a grandes transições políticas a exemplo da crise de 1929.

Muitos acreditam que a crise de 2008 marcou esse momento de visibilidade da lógica do Capital que ilumina, como um relâmpago, o cenário que está para ser completamente destruído pela força e concentração da tempestade. Seria a destruição criadora de Schumpeter, outro herdeiro e crítico da relevância renovada das percepções sistêmicas de impossibilidade de uma economia circular no capitalismo?

No Brasil e na América Latina, em especial, o caráter iconômico da crise e o seu impacto direto sobre a legitimidade das formas de criação de “Rechtm” e de arbitragem dos custos distributivos (no espaço, no tempo e na ordem de prioridades) da própria crise são escandalosos e escancarados.

É necessário entender que, a partir de Marx, o valor, o poder e a cultura são efeitos espelhados da habilidade humana de tomar decisões sustentáveis entre a absoluta necessidade e a infinita ética da sustentabilidade, da criatividade e da superação da desigualdade.

Essa habilidade é o que denominamos uma “midiabilidade”, pois é a competência de cada indivíduo e também das coletividades de consumir um alimento e ao mesmo tempo projetar-se nas esferas da responsabilidade e da alteridade, em especial de se projetar no tempo (*Zeitalter* e *epoché*). Que “Rechtm” e “Recht” tenham a mesma raiz torna ainda mais radical a questão do direito à riqueza, começando pelo direito à sobrevivência, à longevidade e a prazeres súbitos, instantâneos e voláteis como as cotações das Bolsas de Valores que consomem os fundos previdenciários.

A crise de representação monetária, cujo ícone é a “Bitcoin”, é o epicentro de uma crise que é também a crise das teorias do valor utilitárias, trabalhistas e cibernéticas. Não se trata de buscar o novo “lastro” (desde pelo menos Keynes), nem de acreditar que as redes são diretamente sociais, sem mediações. A toda desintermediação correspondem várias re-mediações, remédios mas também remendos.

A profundidade, duração e impacto social e político da crise de 2008 torna imperativa a releitura da Teoria do Valor dessa “Coisa” que é cuidada e distribuída mediada não por dinheiro, mas por representações do valor que se resumem na forma elementar mercadoria-dinheiro (o par Ware/Geld).

A crise financeira, fiscal e creditícia contemporânea reabriu a caixa preta onde são processados os inputs, outputs e filtros que alteram a inserção individual e coletiva nas engrenagens de uma “ungeheure und große Geldrätzel”.

A depender da nossa habilidade para reprogramar a caixa de Pandora digital da riqueza contemporânea, será impossível sequer estimar ou estar alerta para as flutuações da *Wahrscheinlichkeitsrechnung* de sobrevivência dos indivíduos, das coletividades e do planeta mais além do subdesenvolvimento, da dependência e da criminalização da crítica. O Capital é Ícone. Mas nem todo o ícone é (criado e cuidado como) Capital.

Nossas “wares”, midiabilidades na sociedade do conhecimento ou “knowwares”, estão como sempre a depender

das relações sociais de produção não apenas do presente, mas de reprodução do passado e liberdade para ir além do Capital, sem utopia, mas convictos da necessidade de uma nova iconomia: aberta, criativa e inclusiva. Uma nova hermenêutica comunista reinventada pelas midiabilidades necessárias para a criação coletiva dos ícones digitais Uni-vos para construir colaborativamente os espaços, tempos e propósitos da iconomia, efetiva e afetiva, habilitados todos e todas a uma emancipação autêntica da humanidade numa nova ordem sustentável ainda no Século 21. Cidadãos de todos os mercados em redes, uni-vos!

